

# REFLEXÕES SOBRE PRÁTICAS DE ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

## REFLECTIONS ABOUT TEACHING PRACTICES IN BASIC EDUCATION DURING COVID-19 PANDEMIC

Rodrigo da Silva Menezes **1**  
Rosana Maria Torres Marcondes **2**  
Jhonatas Isaac Pereira Lima **3**  
Carlos Alberto de Vasconcelos **4**

**Resumo:** O ano de 2020 representou um marco para o sistema educacional brasileiro, devido às medidas de controle sanitário em virtude da pandemia da covid-19, mudou-se abruptamente o funcionamento das escolas e o trabalho docente. Desta forma, o presente texto tem como objetivo apresentar reflexões sobre práticas de ensino durante a pandemia da Covid-19, com o intuito de compreender as modalidades de “Ensino Remoto Emergencial” (ERE) e “Ensino Híbrido” (EH). A metodologia empregada contém abordagem qualitativa, desenvolvida por uma pesquisa bibliográfica e levantamento de informações a partir de busca por artigos científicos publicados e revisado por pares na plataforma “Periódicos – CAPES”, durante o período de 2020 e 2021. Diante do pesquisado e analisado, percebeu-se que as práticas de ensino realizadas no ERE foram, em grande parte, reproduzidas na transposição de uma aula baseada em transmissão de conteúdo, muito semelhante às práticas de ensino pré-pandemia.

**Palavras-chave:** Práticas de Ensino. Ensino Remoto Emergencial. Ensino Híbrido. Pandemia Covid-19. Educação Básica.

**Abstract:** The year 2020 represents a milestone for the Brazilian educational system, where, due to sanitary control measures for the Covid-19 pandemic, the functioning of schools and teaching work changed abruptly. Thus, this text aims to present reflections on teaching practices during the Covid-19 pandemic, with the intention of understanding the modalities of “Emergency Remote Teaching” (ERT) and “Blended Learning” (BL). The methodology employed contains a qualitative approach, developed through bibliographic research and information gathering from a search for peer-reviewed scientific articles published on the “Periódicos – CAPES” platform during the period of 2020 and 2021. Based on the research and analysis, it was found that the teaching practices carried out in ERT largely involved the reproduction of content transmission-based lessons, very similar to pre-pandemic teaching practices.

**Keywords:** Teaching Practices. Emergencies Remote Teaching. Blended Learning. Covid-19 Pandemic. Basic Education.

- 1** Doutorando em Educação pelo programa de pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia (PPGED-UFU). Integrante dos grupos de pesquisa “Observatório do Ensino de História e Geografia” da Universidade Federal de Uberlândia e “Formação de Professores e Tecnologias da Informação e Comunicação” da Universidade Federal de Sergipe. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3682137418664056>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8918-1001>. E-mail: [menezes.geosus@gmail.com](mailto:menezes.geosus@gmail.com)
- 2** Doutoranda em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Federal de Sergipe (PPGED-UFS). Integrante do grupo de pesquisa “Núcleo de pesquisa em Comunicação e Tecnologia” da Universidade Federal de Sergipe. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3512783599523884>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8958-9282>. E-mail: [profrosanatorres@gmail.com](mailto:profrosanatorres@gmail.com)
- 3** Mestrando em Educação pelo Programa de pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (PPGED-UFS). Integrante do grupo de pesquisa “Formação de Professores e Tecnologias da Informação e Comunicação” da Universidade Federal de Sergipe. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8578410651586907>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0478-3324>. E-mail: [jhonatasiac1997@gmail.com](mailto:jhonatasiac1997@gmail.com)
- 4** Professor titular do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe (PPGED-UFS). Líder do grupo de pesquisa “Formação de Professores e Tecnologias da Informação e Comunicação” da Universidade Federal de Sergipe. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3035538916868812>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9049-5294>. E-mail: [geopedagogia@yahoo.com.br](mailto:geopedagogia@yahoo.com.br)

## Introdução

O ano de 2020 foi sem dúvida um marco na história humana. A pandemia da covid-19 assolou o planeta fazendo milhões de vítimas e alterou de forma significativa a vida em sociedade. Diversos setores da vida humana foram profundamente impactados, a exemplo da educação formal, com as escolas fechando suas portas devido às políticas sanitárias de controle da pandemia.

Muitos foram os problemas diagnosticados por causa da transposição do ensino presencial para o ensino remoto. Alguns deles, já bastante conhecidos decorrentes das desigualdades sociais da sociedade brasileira, como a falta de acesso à internet e disponibilidade de equipamentos tecnológicos para os estudantes (*smartphones*, computador pessoal ou *tablet*), tornaram-se mais evidentes no âmbito das escolas brasileiras.

Para além desses problemas, percebe-se também que, significativa parte dos profissionais da educação não estavam preparados para prosseguir o trabalho remotamente, principalmente pela falta de familiaridade com algumas das plataformas tecnológicas utilizadas pelas escolas.

(...) sair de uma pedagogia pautada na aula expositiva, marcada pela fala do professor (a maior parte do tempo), e a participação do aluno (de vez em quando), e passar a gravar vídeos, pesquisar materiais na internet, adentrar em cursos sobre o uso de tecnologias digitais, ministrar aulas *online* e ter que encarar as câmeras, não foi uma tarefa fácil para os professores. Muitos ficaram bastante preocupados em como levar adiante o trabalho, devido ao não traquejo com tecnologias digitais, que são fundamentais nesse contexto (Souza, Vasconcelos, 2021, p. 249).

Outra situação relacionada à atividade dos estudantes neste período, versa sobre a estrutura básica necessária em seus domicílios para o pleno desenvolvimento das atividades escolares remotas. A pandemia da Covid-19 trouxe à tona que as escolas, sejam elas públicas ou privadas, precisaram aperfeiçoar o processo de letramento digital dos estudantes que não estavam familiarizados com as exigências das tarefas criadas pelos professores ao longo do período de ensino remoto.

O objetivo deste texto é apresentar reflexões sobre práticas de ensino durante a pandemia da Covid-19, com o intuito de compreender as modalidades de Ensino Remoto Emergencial (ERE) e Ensino Híbrido (EH). A metodologia empregada contém abordagem qualitativa, desenvolvida por uma pesquisa bibliográfica e levantamento de informações a partir de busca refinada por artigos científicos publicados e revisados por pares na plataforma “Periódicos – CAPES”, durante o período de 2020 e 2021, com os descritores “Ensino Remoto Emergencial” e “Ensino Híbrido” nos títulos. Ao total foram encontrados e analisados um total de 11 artigos científicos.

Desses artigos científicos identificados pela pesquisa todos possuem acesso gratuito, o que contribuiu para a leitura e análise dos textos. Além disso, as palavras-chaves mais destacadas nesses trabalhos foram: Covid-19, Ensino Híbrido, Ensino Remoto Emergencial, Ensino e Coronavírus. Todos esses artigos também estão disponíveis no DOAJ (*Directory Open Access Journals*) e foram publicados em periódicos como Devir Educação, Holos, Revista Brasileira de Educação Médica, Revista Edapeci, Ilha do Desterro e Scripta.

Os artigos pesquisados estão relacionados com produções científicas de universidades brasileiras a exemplo da UFLA (Universidade Federal de Lavras), Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), UFRN (Universidade Federal do Rio Grande do Norte), UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), Universidade de Lisboa, UFSM (Universidade Federal de Santa Maria), UFS (Universidade Federal de Sergipe) e UFAL (Universidade Federal de Alagoas).

A primeira seção do artigo apresenta o conceito de ERE e EH ressaltando essas modalidades de ensino, por mais semelhantes que sejam, diferentes entre si. A segunda seção aborda alguns dos problemas evidenciados pela pandemia da Covid-19 na educação brasileira. A terceira seção apresenta reflexões sobre possíveis cenários futuros para o momento pós-pandemia.

## As práticas de ensino durante a pandemia Covid-19

A pandemia Covid-19 impactou de forma significativa o sistema educacional como um todo. Em março de 2020 declara-se Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional, obrigando aos cidadãos brasileiros diversas medidas de controle sanitário como forma de conter a propagação do vírus.

A Medida Provisória nº 934/2020 publicada pelo Governo Federal estabeleceu normas excepcionais sobre o ano letivo da educação básica e do ensino superior decorrentes das medidas para enfrentamento da situação de emergência de saúde pública. Tal medida definiu que os estabelecimentos da educação básica ficaram dispensados, em caráter excepcional, do cumprimento de mínimo de dias de trabalho escolar desde que se cumpra o mínimo de horas trabalhadas. Essa medida possibilitou a migração das escolas para o ensino remoto emergencial.

Abordando esse momento do ponto de vista do ensino superior, Castioni, *et. al.* (2021, p. 7) nos reporta que:

o argumento principal de tais universidades para a suspensão das atividades de ensino foi o de que nem todos os estudantes teriam acesso à internet, nem equipamentos ou letramento digital necessários que possibilitassem a realização de atividades remotas. Diferentemente do que se passou nos Estados Unidos e na Europa, onde muitas universidades migraram do ensino presencial para o ensino remoto em poucas semanas, as universidades federais brasileiras alegaram que a limitação do acesso à tecnologia e a falta de formação docente e discente não permitiria transpor as disciplinas do ensino presencial para o ensino remoto.

Com a migração do sistema da educação básica para o espaço virtual, revelaram-se muitos obstáculos pelo caminho. Dentre eles, a necessidade de formação de professores para a utilização de plataformas digitais que possibilitassem o desenvolvimento das aulas remotas. Paralelamente a isso, grande parcela dos estudantes vivenciavam a falta de infraestrutura tecnológica para desenvolvimento de suas atividades escolares durante o ensino remoto.

Assim, assentado sobre uma mescla de saberes acumulados, senso de urgência, inúmeras incertezas e elevada carga de imprevisto, foi implantado o Ensino Remoto Emergencial – uma das inúmeras nomenclaturas para esse substituto temporário do Ensino Presencial, possibilitado por um amálgama de ambientes virtuais outrora subutilizados, ferramentas de videoconferência desconhecidas por muitos e toda uma miríade de *softwares* apropriados de maneira *just-in-time* pelos professores e alunos (Silveira, 2020, p. 03, grifos do autor).

Esta prática de ensino criada em regime de urgência e sem planejamento foi caracterizada nos artigos científicos pesquisados como “Ensino Remoto Emergencial” ou ERE. São práticas de ensino remoto que visam transpor o fazer pedagógico tradicional para o ambiente virtual. Neste momento, foram utilizadas plataformas digitais de transmissão ao vivo para os momentos síncronos de ensino, a exemplo do Google *Meet*, Microsoft *Teams* e *Zoom*, além de aplicativos que subsidiaram atividades escolares como *Mentimeter*, *Kahoot!*, *Google Maps* e tantos outros.

Em relação a essa modalidade de ensino criada pela eclosão da pandemia, Moreira, *et al.* (2020, p. 352) destaca que:

a suspensão das atividades letivas presenciais, por todo o mundo, gerou a obrigatoriedade dos professores e estudantes migrarem para a realidade online, transferindo e transpondo metodologias e práticas pedagógicas típicas dos territórios físicos de aprendizagem, naquilo que tem sido designado

por ensino remoto de emergência. E na realidade, essa foi uma fase importante de transição em que os professores se transformaram em youtubers gravando videoaulas e aprenderam a utilizar sistemas de videoconferência, como o *Skype*, o *Google Hangout* ou o *Zoom* e plataformas de aprendizagem, como o *Moodle*, o *Microsoft Teams* ou o *Google Classroom*. No entanto, na maioria dos casos, estas tecnologias foram e estão sendo utilizadas numa perspectiva meramente instrumental, reduzindo as metodologias e as práticas a um ensino apenas transmissivo.

O ERE desenvolvido, em muitos casos, foi totalmente desprovido de uma análise criteriosa sobre as funcionalidades dos aplicativos usados para as atividades escolares em ambiente virtual. As práticas no ERE pautaram-se pela transmissão de conteúdo e obrigatoriedade de cumprimento da carga horária mínima necessária para o ano letivo.

Por conta do longo período de fechamento das escolas, ocorreram debates sobre o retorno das atividades em formato híbrido, como forma de minimizar os impactos causados pelo distanciamento físico. Ocorrem investimentos nas escolas para a compra de materiais que possibilitassem a transmissão das aulas para os estudantes que estivessem em casa. Esse formato de ensino síncrono entre escola e casa ficou conhecido como Ensino Híbrido (EH), o que acabou criando uma certa confusão, por que a bibliografia sobre EH o associa à metodologias ativas de aprendizagem, com um aprofundamento no uso de tecnologias do cotidiano escolar, não se traduzindo em aula realizada na escola e transmitida via internet para estudantes que estejam em casa.

É por conta disso que se faz fundamental a identificação do significado de EH. Para isso, Colares (2020 p. 36-42) destaca que:

o termo ensino híbrido ou *blended learning*, tem origem inglesa, surgiu por volta do ano 2000, em cursos educacionais voltados para empresas, mas recentemente, a metodologia evoluiu e começou a ser usado na sala de aula, englobando uma diversidade de recursos e diferentes abordagens, combinações e ambientes de ensino e de aprendizagem. São modelos sustentados numa combinação híbrida, o ensino presencial com o on-line.

Daí importante destacar a diferença conceitual entre EH e o que se foi praticado no ERE durante a pandemia. As práticas de ensino realizadas no ERE foram, em grande medida, a transposição de um fazer pedagógico tradicional muito semelhante às práticas de ensino pré-pandemia para o espaço virtual. O que se viu foram práticas de ensino não focadas nos estudantes, mas sim no papel do professor, muito associadas a um fazer pedagógico tradicional e tecnicista.

As aptidões para desenvolvimento do EH estão vinculadas a capacidade de comunicação entre pares com o compartilhamento de ideias, ao desenvolvimento da pesquisa como princípio pedagógico e pela compreensão dos problemas vividos no cotidiano, formando sujeitos que possam reconhecer as ações humanas em seus espaços de vivência, capazes de criar soluções inovadoras, baseadas no uso de tecnologias, dados e informações disponíveis.

Compreender o perfil da geração dos alunos da Educação Básica é fundamental para o professor planejar as atividades, se faz importante ainda, descobrir o que motiva cada estudante no contexto da sala de aula agitada e diversificada, necessário salientar que os alunos têm facilidade com as tecnologias, mas a atenção geralmente está focada no que lhes interessam. O professor precisará orientar o processo educativo, aproximar os conteúdos curriculares da realidade dos alunos com o objetivo de promover maior engajamento na construção do aprendizado significativo e colaborativo (Marcondes; Menezes, 2021, p. 23).

Destaca-se que o ERE praticado durante a pandemia de Covid-19 em muitas escolas brasileiras nada tem relação com o EH. É evidente que foi realizado um grande esforço para que as atividades prosseguissem com a reabertura das escolas, e isso de fato foi algo positivo, principalmente em relação aos problemas causados pelo distanciamento físico no sistema educacional como um todo.

Contudo, o que as escolas não praticaram no retorno gradativo das aulas presenciais não pode ser caracterizado como EH, visto que se buscou somente uma sincronicidade entre as atividades de sala de aula para os alunos que estavam em seus domicílios; em outras palavras, uma mera transmissão ao vivo da sala de aula para os estudantes que não estavam fisicamente na escola.

Na próxima seção propõe-se uma reflexão sobre problemas causados pelas medidas de controle sanitário devido a pandemia da covid-19 nas práticas de ensino e ainda alguns desafios enfrentados por professores, estudantes, famílias e escolas.

## **Dificuldades reveladas pela pandemia nas práticas de ensino da educação básica**

Uma das maiores dificuldades que a pandemia revelou nas escolas da educação básica brasileira foi o desconhecimento sobre as condições socioeconômicas dos estudantes. Fez-se necessário em muitas escolas a realização de questionários para identificar quais estudantes possuíam em seus domicílios acesso à internet, *smartphones*, computador ou *tablet*. Sendo assim, constatou-se a necessidade, durante o período de restrições de mobilidade, de empréstimo ou compra de equipamentos tecnológicos para que os estudantes em situação de vulnerabilidade econômica e social pudessem acessar os materiais disponibilizados pelos professores nas mais diversas plataformas digitais de aprendizagem.

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD, 2019) desenvolvida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), aponta que o número de domicílios com acesso à internet subiu de 82,7% em 2019, para 91,5%, em 2022, resultando um aumento de 8,8 pontos percentuais.

O crescimento mais acelerado do uso de internet ocorreu nos domicílios rurais, onde registrou crescimento de 55,6%, em 2019 para 78,1% em 2022. Fato este que reduziu a diferença em relação às áreas urbanas, onde o uso de internet registrou crescimento de 86,7% para 93,5%. Mesmo assim, em 2022, aproximadamente 7,4 milhões domicílios do país não possuíam acesso à internet.

Nas residências em que não havia uso da internet, os motivos que se destacaram para a não utilização foram: falta de interesse em acessar a internet 25,6%, serviço de acesso à internet era caro 28,8% e nenhum morador sabia usar a internet 32,1%. Em outros 5,4% das residências os moradores disseram que não havia disponibilidade de rede na área do domicílio e 3,9% alegaram o alto custo do equipamento eletrônico para conexão.

Esses dados corroboram dois pontos principais, o primeiro é que pelo fato do custo de vida durante a pandemia ter evidentemente aumentado, muitos estudantes ficaram impossibilitados de ter um dispositivo básico de acesso à internet; o segundo ponto foi a dificuldade que as famílias vivenciaram quando dois ou mais filhos necessitavam utilizar um mesmo dispositivo com acesso à internet para acompanhar as atividades escolares. Sendo assim, não só o rendimento escolar foi afetado de forma direta, mas também o acesso aos conteúdos didáticos e às salas de aula nos momentos síncronos.

Houve ainda por parte dos governos, considerando os três entes federativos (Federal, Estadual e Municipal), diversos projetos que previam acesso à internet e equipamentos tecnológicos para que professores e estudantes pudessem acompanhar as atividades escolares durante o isolamento social.

Como exemplo, cita-se o Estado de Sergipe, que por meio da Lei nº 125/2021, denominada Lei “Educação Mais Conectada”, instituiu a ajuda de custo e o auxílio internet para os professores do quadro efetivo da rede estadual de ensino, durante o período de paralisação das atividades presenciais nas escolas.



Há que se cuidar para não passar a impressão de que conexão garante ensino remoto. Seguramente é condição necessária e fundamental, mas é tão somente uma condição de primeira ordem. Os desafios da transição do ensino presencial para o remoto ou para o híbrido perpassam ainda diversas outras questões, por exemplo, as condições de estudo remoto no domicílio (adequação do espaço, conciliação com tarefas familiares e de cuidado, entre outras). No que concerne às instituições de ensino, letramento digital de discentes, docentes e técnicos administrativos e as questões didático-metodológicas envolvidas nas profundas mudanças desencadeadas pela pandemia da Covid-19 também assumem peso central na configuração das respostas aos desafios institucionais trazidos pela nova realidade (Castioni, *et al.*, 2021, p. 7).

Tendo como foco de análise os estudantes, a questão socioemocional durante as aulas remotas foi também um desafio para as escolas trabalharem, isso porque muitos jovens além de não possuírem infraestrutura tecnológica para desenvolvimento de suas atividades escolares em seus domicílios, vivenciaram a questão do “se esconder atrás da câmera”.

Relatos de professores indicam que durante as aulas remotas, uma das principais dificuldades foi a ausência dos estudantes, pois muitos deles não ligavam as câmeras, não interagiam com professores e colegas ou abandonaram os estudos. Outro ponto a se destacar é que, efetivamente, as restrições de mobilidade quebraram muitos elos de amizade entre os jovens, tornando o período pandêmico ainda mais difícil de ser vivido.

Do ponto de vista dos professores, é possível afirmar que o ERE modificou as relações de trabalho no sistema educacional. A mudança mais significativa relatada por professores da educação básica foi o trabalho remoto, também chamado de *home office*. Essa, até então, desconhecida forma de trabalho para a maioria dos professores, resultou em uma sobrecarga de trabalho nunca antes vivenciada, principalmente nos primeiros meses de restrição.

Isso ocorreu por causa das inúmeras formações que os profissionais da educação participaram no sentido de compreender as plataformas digitais que seriam utilizadas para as aulas remotas, preparação dos planejamentos, materiais didáticos, sistemas de avaliação e acompanhamento das atividades escolares. Muitas dificuldades foram reveladas durante o período da pandemia, para além das já mencionadas, podem ser destacadas a alta carga de *stress*, doenças físicas (cansaço, dores de coluna, entre outras), redução dos salários e a incerteza do que viria no momento pós-pandemia.

Na próxima seção discutem-se cenários futuros para a continuidade das atividades escolares depois que a pandemia da covid-19 for considerada uma página virada em nossa História. Envolve num oceano de dúvidas, é papel da escola se questionar: o que vem agora?

## **Cenários futuros para as práticas de ensino no pós-pandemia**

Pensar no momento após a pandemia da covid-19 para as atividades escolares é um exercício mental que demandou a análise de variados atributos para traçar um caminho possível. Dentre esses atributos, o uso de TIC nas práticas de ensino pode se tornar um importante legado para o futuro da educação básica brasileira.

É fato que hoje muitos professores reconhecem que o uso de tecnologias além de possibilitar novas abordagens, permitem um alcance maior do trabalho pedagógico. Segundo Tavares; De Souza (2021), dado que o ERE é uma estratégia de trabalho passageira, e pela adoção maciça das tecnologias nas instituições de ensino, as práticas de metodologias ativas de aprendizagem e em especial do EH, poderão se consolidar no âmbito da educação a partir do pós-pandemia.

O ensino remoto evidenciou que não basta apenas utilizar dos recursos tecnológicos, mas também preparar os estudantes para aceitação e a utilização deste novo modo de mediar os

saberes. Esta preparação ocorre quando o professor mostra os benefícios que o uso desses recursos trará, compreendendo sua importância e seus benefícios na educação (Ferreira, 2022, p. 3).

São diversas dimensões a serem consideradas para o momento pós-pandemia, dentre elas destacam-se: infraestrutura tecnológica das escolas, planejamento didático-pedagógico com incorporação tecnológica, reconhecimento dos aspectos socioemocionais, oferta de recursos digitais de aprendizagem e criação de sistemas de avaliação adequados às necessidades de aprendizagem.

O EH tende a se tornar uma prática de ensino que marcará posição no fazer pedagógico. Para que isso ocorra, se faz fundamental que as escolas invistam na ampla formação de professores, visando equacionar as dúvidas ainda persistentes entre os conceitos e práticas de ERE e EH. Essas formações podem resultar num melhor desenvolvimento de práticas de ensino mediadas por instrumentos tecnológicos em ambientes físicos e virtuais de aprendizagem. Dessa forma, o olhar do professor deve estar atento às mudanças do perfil dos estudantes e diversidade em sala de aula. Observa-se também que, será cada vez mais difícil motivar estudantes da educação básica no momento pós-pandemia.

Bacich, Tanzi Neto e Trevisani (2015) enfatizam que “os estudantes de hoje não aprendem da mesma forma que os do século anterior”. Logo, para dialogar com eles, o professor precisa reconhecer o seu papel ativo nesse contexto e ressignificar as suas práticas com propostas que estimulem a motivação pelo aprendizado.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) aponta para a formação e o desenvolvimento integral dos estudantes, com vistas à cidadania, exigindo diferentes posturas, buscando possibilidades de promover novas formas de aprendizagem.

O documento da BNCC demonstra um movimento no sentido de indicar um caminho para que as escolas e professores possam cumprir o seu papel em relação à formação das novas gerações, e reforça a importância de se preservar o compromisso para a reflexão e análise aprofundada do nosso cotidiano.

É imprescindível que a escola compreenda e incorpore mais as novas linguagens e seus modos de funcionamento, desvendando possibilidades de comunicação (e também de manipulação), e que eduque para usos mais democráticos das tecnologias e para uma participação mais consciente na cultura digital. Ao aproveitar o potencial de comunicação do universo digital, a escola pode instituir novos modos de promover a aprendizagem, a interação e o compartilhamento de significados entre professores e estudantes (Brasil, 2018, p. 61).

Enfatiza-se aqui o papel social da escola como instituição capaz de promover uma educação para a vida e que os jovens possam entender o seu papel no mundo e que se tornem cidadãos críticos dos problemas que atingem a sociedade e que possam se desenvolver efetivamente a favor da vida.

## **Considerações finais**

A pandemia da Covid-19 foi um acontecimento capaz de transformar paradigmas no sistema educacional brasileiro. Com a política do isolamento para conter a propagação do vírus, as escolas tiveram pouquíssimo tempo para se adaptarem à uma nova realidade que transpôs o ensino presencial para remoto.

É fato que a resposta do sistema educacional brasileiro poderia e deveria ter sido mais eficaz, pois muitas escolas passaram meses sem funcionamento, impedindo dessa forma que crianças e jovens pudessem desenvolver suas atividades, agravando ainda mais os efeitos nefastos causados pelo vírus e pelo isolamento físico.

Outro ponto importante que merece destaque é que se faz fundamental o desenvolvimento

de pesquisas na área da Educação que investiguem como as práticas de ensino foram desenvolvidas durante a pandemia, buscando reconhecer os principais problemas enfrentados por toda a comunidade escolar.

Destaca-se a necessidade de aprofundamento sobre os conceitos das modalidades de ensino trabalhadas neste artigo. É compreensível que professores e a gestão escolar confundam as práticas desempenhadas como ERE ou EH. Para isso, oportunizar o conhecimento teórico sobre essas modalidades nas formações inicial e continuada de professores podem possibilitar melhorias significativas nas práticas de ensino da educação básica.

Por fim, é inegável a necessidade de se trabalhar as competências socioemocionais com as crianças e jovens nas escolas. Tornar o estudante protagonista na construção do conhecimento potencializa o desencadeamento de mudanças qualitativas na cultura escolar, na convivência interpessoal e no desenvolvimento social dos brasileiros.

## Referências

ARRUDA, Juliana Silva; DE CASTRO SIQUEIRA, Liliane Maria Ramalho. Metodologias Ativas, Ensino Híbrido e os Artefatos Digitais: sala de aula em tempos de pandemia. Práticas Educativas, Memórias e Oralidades. **Rev. Pemo**, v. 3, n. 1, p. e314292-e314292, 2021.

BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. de M. **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2015.

BASTOS, Milena de Carvalho *et al.* Ensino remoto emergencial na graduação em enfermagem: relato de experiência na covid-19. **Revista Mineira de Enfermagem**, v. 24, p. 1-6, 2020.

BORGES, Luciana; RIBEIRO, Vinícius Gadis. Do ensino presencial à adoção do ensino remoto emergencial em função da Covid-19: experiência docente nas atividades acadêmicas de modelagem de vestuário. **Modapalavra e-periódico**, v. 14, n. 32, p. 273-299, 2021.

BRASIL. **Medida Provisória nº 934**, de 1º de abril de 2020. Estabelece normas excepcionais sobre o ano letivo da educação básica e do ensino superior decorrentes das medidas para enfrentamento da situação de emergência de saúde pública de que trata a Lei no 13.979, de 6 de fevereiro de 2020. BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional comum curricular**. Brasília, DF: MEC, 2018.

CASTIONI, Remi *et al.* **Universidades federais na pandemia da Covid-19: a falta de acesso à internet interdita mesmo o ensino?** Brasília/IPEA/Ministério da Economia, DF, 2021.

CHOW, Fungyi; CALIXTO, Cristiane Paula Gomes; MELLO, Marco Aurelio Ribeiro. Do ensino remoto emergencial ao ensino híbrido no curso de ciências biológicas: a nossa visão a partir do instituto de biociências da universidade de são paulo (ib-usp). **Medicina**, Ribeirão Preto, v. 54, n. Supl 1, 2021.

DE OLIVEIRA, Muriel Batista *et al.* O ensino híbrido no Brasil após pandemia do covid-19. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 1, p. 918-932, 2021.

DOS SANTOS SILVA, Flávia Cristina; PEIXOTO, Gilmar Teixeira Barcelos. Percepção dos professores da rede estadual do Município de São João da Barra-RJ sobre o uso do Google Classroom no ensino remoto emergencial. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 10, 2020.

FERREIRA, Maiara Oliveira Santos. Estratégias pedagógicas durante o ensino remoto na APAE de Jacobina–Bahia: possíveis caminhos para aprendizagem da pessoa com deficiência intelectual. **Diálogos e Diversidade**, v. 2, p. e13129-e13129, 2022.



IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios)**. - Rio de Janeiro/RJ, 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/>. Acesso em: 30 jan. 2022.

LIMA, Jhonatas Isac Pereira *et al.* O ensino remoto na pandemia Covid-19: reflexão sobre formação de professores de Geografia e uso de tecnologias na educação básica. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 9, p. 88708-88726, 2021.

MARCONDES, Rosana Maria Santos Torres; MENEZES, Rodrigo da Silva. O uso dos aplicativos educacionais kahoot! e plickres no contexto da educação básica. **Caminhos da Educação Matemática em Revista (Online)**, v. 11, n. 3, p. 22-41, 2021.

MOREIRA, J. António; HENRIQUES, Susana; BARROS, Daniela Melaré Vieira. Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia. **Dialogia**, São Paulo, n. 34, p. 351-364, 2020.

SERGIPE. Governo do Estado. **Lei nº 125/2021**, Lei “Educação Mais Conectada”. Aracaju, SE, 2021.  
SILVEIRA, Ismar Frango. O papel da aprendizagem ativa no ensino híbrido em um mundo pós-pandemia. **Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância**, v. 2, n. Especial, 2021.

DE SOUZA, José Batista; DE VASCONCELOS, Carlos Alberto. Docência em Tempos de Covid-19: concepções de professores do ensino médio sobre o uso das tecnologias digitais no ensino remoto. **Devir Educação**, p. 247-268, 2021.

TAVARES, Guilherme Henrique Peterlini; DE SOUSA, Cleyton Santana. Perspectivas para o ensino híbrido pós-pandemia. *In: Anais do Congresso Nacional Universidade, EAD e Software Livre*, Belo Horizonte, v. 1, n. 12, 2021.

Recebido em 30 de janeiro de 2022.

Aceito em 30 de outubro de 2023.